ANNO I RIO DE JANEIRO N. 2

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,
Licinio Cardoso e Pedro Ivo

FEVEREIRO DE 1878

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
4171/52

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — *A proposito da chamada Poesia Scientifica* (continuação), por U. D. O. — *Linguas neolatinas*, estudo ligeiro, por Antão Silverio. — *Dois Pintores da Renascença*, por Dantas Barreto. — *O Realismo na Arte*, por Pedro Ivo. — Poesias — *Victor Hugo e Castellar* de Rodolpho Paixão. — *Soneto* de Favila Nunes. — Chronica.

A' proposito da chamada—Poesia Scientifica

V

Tolher os vôos da Inspiração e as vertigens do cerebro, apagar os lumes da phantasia e os deslumbramentos da Imaginação, condemnar todas as grandes emoções e arrebatamentos do espirito; e substituir essas scintillações, esses divinos subjectivismos do sensorio e do pensamento, por um objectivo *positivamente bello* que deva ser cantado em choro pela Humanidade soberana e una, é utopia. E' sonho, cuja realisação só terá lugar quando os seculos se consummarem na voragem do Tempo..... nunca.

Mutilar a santa Poesia no leito de Procusto do finito, do relativo, do condicional, ella, que tem sempre o olhar mergulhado no infinito, no absoluto, é profanação. Pretender transformal-a em secretaria particular, em copista habilidosa e *bon enfant* de tudo o que a razão conquistar por via das sciencias de observação e experiencia, mesmo

que sejão prodigios de talento e de trabalho ; envial-a depois sizuda, sabia e circumspecta á cantar as glorias do esforço humano, em estrophes substanciaes, *positivas*, saturadas de preceitos e leis martelladas entre o metro e a rima, pretender que ella escravise-se á isso, é desconhecer a sua essencia intima, é não ter verificado que suas radiculas só podem absorver a seiva vivificante, lá onde a observação e a experiencia não tem accesso, lá onde a vara magica da intuição desvenda a região das eternas auroras, onde, preso nas garras de omnipotente condor, o hallucinado escuta o concerto das espheras no hymno do amor universal.

VI

A poesia didactica, que tem por divisa instruir deleitando, é o preludio á chamada Poesia do futuro, vasta epopeia baseada na sciencia, complexa, symphonica, grandiosa, na qual a humanidade, consciente, poderosa e solidaria entoará o hosanna á si mesmo. Nobre aspiração, fanal indistincto e apenas entrevisto, e que, sobre o que traz de bom e justificavel, acarreta um punhado de proselytos intransigentes, innovadores á prova de bala, que em super-excitação scientifico-nervosa, intentão solapar pela raiz a actual ordem de cousas, quando para a nova reedificação existe apenas a primeira pedra; não querem ver nas creações da arte e da poesia no passado senão documentos historicos ou meras curiosidades archeologicas, productos da tradição já cançada, lantejoulas mentirosas, paradeiro ao progresso real e completa inutilidade em vista dos valentes e proficuos commettimentos da razão, do bom senso, etc., etc., etc.

Aos mestres na materia não merece isso as honras de uma contestação ; nós, porém, o mais insignificante dos que manejão a penna, protestamos com energia, com a energia de quem repelle um desafôro descommunal ; para esse fim nos constituimos procurador bastante da phalange luminosa que emerge no pó das idades sumidas á reclamar justiça, dos trovadores immortaes que em todos os tempos e em todos os paizes embalarão a humanidade á musica de seus cantos, e que hontem, hoje, amanhã, restarão sobranceiras á todas as philosophias, quer deductivas quer inductivas, quer naturaes quer systematicas.

Dizer que os poetas lyricos, mas os verdadeiros, aquelles que em lettra morta inda hoje fazem vibrar nossas fibras,

aquelles que só souberão amar e aspirar, cujas estrophes são outros tantos pedaços do coração, d'aquelles que, como confessa o adoravel Musset:

« *Les festins humains qu'ils servent à leurs fêtes ressemblent la plupart à ceux des pélicans* » o pelicano que dá seu proprio coração a comer aos filhos; affirmar que são elles uns patetas, uns vagabundos, sem utilidade alguma....

Mas quem o affirma é o Sr. Gavicho....

VII

Nunca conseguirão cortar as azas á Poesia, nunca conseguirão desalojal-a do seu altar nas ultimas dobras da alma, de onde vem esse perfume sagrado, que se impregna profundamente nos versos diamantinos ou na oração inspirada; jamais poderão pêal-a em preceitos ou compendios. O esmagador *non possumus* do positivismo, formula de grande proveito em sciencias positivas, é de perfeita incapacidade physica, moral e intellectual no assumpto que nos occupa.

São accusados os poetas de se contraporem deploravelmente ás verdades fundamentaes da sciencia, e acastellarem-se n'uma tão estulta quão esteril phantasia; até ahi vamos nós e todos os homens sensatos; mas isso só se entende com os pseudo-vates que á cata do original e do sublime só alcanção o trivial e o extravagante, choramingando carmes hypotheticos em tiradas lamurientas que fazem rir a gente.

Mas por nada derribarão de seu throno glorioso os artistas por direito divino, em cujas veias gyra o sangue da grande raça d'elles; organisações privilegiadas, orgulhos da especie humana, a sua gloria é para bem dizer independente da acção do tempo e jaz serena e tranquilla em suas obras.

As revoluções artisticas e litterarias que se tem succedido nas civilisações classicas nunca tiverão caracter radical; têm sido apenas differentes modos de ser na realisação do bello, attinentes ao tempo, lugar e indole peculiares. As estheticas especiaes, de que se originão outras tantas escolas, não são mais que modalidades infinitamente variadas e contingentes do mesmo principio, que é a suprema belleza harmonizada com a suprema força. Alguns, mui poucos, sentirão-no; é a esses que se applica a maxima do poeta-titan: *L'art, c'est la région*

des Egaux. A definição de Byron — a arte é a natureza atravéz o homem—é a nosso ver a mais completa, e justifica perfeitamente o que acabamos de dizer sobre a variedade de suas manifestações e a unidade de suas vistas. Os brilhantes artistas dos templos gregos e os operarios desconhecidos e humildes das cathedraes gothicas tem o mesmo direito á admiração universal e não se destroem em cousa alguma.

Porque? porque o Ideial os illuminava, porque querião o Bello em si, autonomo: e quem não o quizer assim, quem não cultivar a *arté pela arte*, (formula tão controvertida, tão combatida) quem tentar arredar d'ella o ideial, desviou-se, desviou-se do caminho, e não chega nunca. A poesia inspirada na sciencia quer transformal-o, desvirtual-o e deslocal-o. A poesia realista quer matal-o.

A litteratura-espelho, a litteratura-bistouri, como a chama um poeta portuguez filiado ao realismo, é quiçá legitima, porque é a expressão do pensamento hodierno; mas tal processo em poesia é uma invasão brutal, ephemera, viciosa, incompativel. Durará o tempo que durou a rosa de Malherbe.

Por ora nos contentamos em *trancher nettement* a questão, reservando-nos para em occasião mais propria adduzir razões que comprovem a nossa asserção.

VIII

A arte não se avassalla ao progresso e nem obstrue o seu caminho; a sua soberania é inalienavel; o artista não é um instrumento; collabora na civilisação, mas não é ahi que está sua missão; a luz que o fascina não é a que attrahe os pensadores e os philosophos.

Não é. As obras, doutrinas e systemas d'estes, contendo um certo numero de verdades parciaes e proveitosas, vivem apenas uma manhã na historia. Cada livro de sciencia que surge annulla os precedentes, porque ahi domina a lei do progressivo: Mas o sublime é sempre egual a si mesmo e falla ao nosso espirito com perenne intensidade. Sim. A epopeia Dantesca, por exemplo, esse *absurdo*, toda inspirada pela musa orthodoxa, profundamente theologica, imbuida de dogma até o amago, subsiste integra e indestructivel sobre todas as evoluções do progresso, de qualquer natureza que sejão. Porque razão nós, os filhos da prosa, da critica

e do raciocinio, sentimo-nos sacudidos por invencivel emoção quando o tetrico Florentino nos leva á visitar a cidade das eternas dôres, esse phantasma medival que aliás hoje só se impõe ás massas ignaras?

Porque isso? Porque o poeta *sente* o que diz; porque pela alliança da fé e do genio, da colera e do amor, do sentimento e da imaginação, nasceu esse poema cyclico em que ausculta-se o fundo palpitar de um povo e de uma epocha, consubstanciados em uma individualidade portento. Dez batalhões de livres pensadores não escalarão o reducto de sua gloria.

Não queremos dar fim á esse nosso desconchavado escripto sem transcrever um trecho do monumental discurso proferido pelo padre Ribeiro da Costa por occasião das exequias de A. Herculano — *A arte, posto que requeira aos seus cultores observação e estudo, tem como agentes principalissimos a intuição e a phantasia; a intuição é sempre uma vibração luminosa e rapida, e a phantasia reveste os seus eleitos de decorações tão peregrinamente sorprehendentes, que ver-lhes é ficar-se logo embevecidos n'ellas e alheados de tudo que lhes pareça estranho. Ao invez d'isso a Sciencia, que é uma analyse impertinente, morosa, toda encrespada de duvidas, e por mais longe que a levem, surde sempre, como marco movel e inconquistavel uma interrogação, um mysterio. Bem certo que se ao homem fosse dado, pela só virtude de suas energias, alcançar o infinito, não seria com a ideia que elle realisasse o prodigio, seria com o sentimento.*

Divisão fundamental, distincção angular e marcada. Da absorpção de uma cousa pela outra resultará apenas uma confusão de cousas heterogeneas. Sem excluirem-se, com independencia mutua, harmonia consentanea, dignidade propria, a Arte e a Sciencia, cada qual visando seu alvo, saudar-se-hão como irmãs, mas nunca se fundirão como consortes, porque a segunda jamais conseguirá penetrar os arcanos da primeira.

U. D. O.

Linguas neo-latinas

ESTUDO LIGEIRO

Quando o latim litterario, fallado pelas classes cultas de Roma, perdeu as formas complicadas, transformando-se no latim rustico, cujas fórmas mais analyticas facilitaram aos barbaros a lingua romana, originou-se um italiano, cujos caracteres distinctos e dominantes no italiano moderno, constituiram as propriedades das linguas neo-latinas. Estas linguas, formadas pela corrupção e decadencia do latim, não tiveram desenvolvimento igual; d'onde resultou que, dominadas pelos mesmos caracteres, apresentam propriedades bem diversas.

A lingua italiana cultivada desde o berço nas grandes republicas de Florença, Piza, etc., e desenvolvida por litteratos mais ou menos importantes, poude, quando fixa pelo genio de Dante, Petrarca e Boccaccio, conservar propriedades inherentes ao latim, perdendo comtudo a sonoridade em relação a esta, e a concisão e energia em relação a portugueza, sendo todavia dotada de maior harmonia de estylo em comparação a esta.

O hespanhol, ainda hoje conhecido por castelhano, em consequencia da absorpção dos reinos por Castella, apezar dos diversos elementos que entram em sua composição, conservou propriedades importantes, e tem, como caracteristico a expressão, talvez resultante do rico elemento arabe influente na sua organisação; mais sonoro do que o italiano, é todavia menos harmoniosa do que este; e mais gracioso do que o portuguez é menos doce e elegante.

O francez, essencialmente analytico, desenvolveu-se entre varios dialectos, e constituio-se, fixado por Malherbe, com o elemento latino dominante; e perdendo a transposição, adquirio para caracteristico do genio da lingua, a clareza e justeza na expressão.

O portuguez, em que mui pouco influiram os dialectos e idiomas dos povos que passaram ou demoraram-se na Lusitania, teve um desenvolvimento especial, devido a uma certa independencia, que fazia de Portugal um reino distincto, como diz Bachelot, por occasião da reunião das

corôas em Castella, e é sem duvida uma das linguas neo-latinas, cuja procedencia se evidencia historica ou analyticamente pelas propriedades caracteristicas e phenomenos notaveis, que nella se descobre, quando comparada ás outras da mesma origem. E' um primeiro caracteristico da lingua portugueza, segundo Evaristo Leoni, uma certa lei seguida mais ou menos regularmente na degeneração e conversão dos vocabulos latinos em portuguez, quer esta lei se manifeste na alteração e troca de algumas lettras, quer na formação de desinencias novas contrahidas de vocabulos latinos e adaptados no genio e caracter do povo portuguez. Esta lei, que consiste, segundo diz Leoni, em ter a corrupção e a decadencia do latim se operado por um certo modo, e não por outro, póde ser decomposta em duas partes; uma commum ás linguas neo-latinas, e outra peculiar a lingua portugueza.

A parte commum consiste, quanto a derivação, na adopção dos vocabulos geralmente nas formas do ablativo, fórmas simples e harmoniosas, regulares, uniformes e usuaes em maior numero de circumstancias e que apresentavam, portanto, maior facilidade a povos rusticos, cujos orgãos de audição não educados, tornavam-se incapazes de conservar as fórmas multiplas e complicadas do nominativo. Este modo de corrupção, já manifesto na transformação do latim litterario no latim rustico, em consequencia das relações inevitaveis do povo romano, parece soffrer excepções, quando se considera a lingua no estado actual; entretanto é de observar-se, que as linguas não permanecendo estacionarias, e antes tendendo a seguir uma lei qualquer na evolução historica dos povos, se accommodam ao genio particular de cada povo, desenvolvendo-se sob fórma, ora synthetica, ora analytica e locupletando-se de termos formados ou derivados, segundo as necessidades, os quaes technicos ao desenvolvimento das artes e sciencia, não passam do dominio classico, e scientifico, sem portanto influirem no modo de formação primitiva dos vocabulos sob o dominio do povo, á quem é sufficiente a expressão da idéa, ou sentimento que deseja communicar. E esta é a razão porque em todas as linguas se observa muitos nomes poeticos e scientificos, ignorados pelo vulgo, que parecem contradizer essa lei geral de transformação.

Quanto a alteração e troca de lettras, consiste a parte commum na transformação de vogaes similhantes ou não, e na substituição e subtracção de lettras segundo a euphonia. Este facto, tambem observado no latim rustico, domina em cada lingua segundo o seu genio, e mais ou menos influente segundo as propriedades de cada uma, sem comtudo perder a generalidade, como se póde verificar pela analyse dos phenomenos philologicos das linguas neo-latinas; e entretanto é mais observado na portugueza, cuja indole é toda latina.

Deixando a parte privativa a lingua portugueza, parte esta manifesta pela identidade de seu genio com o latim segundo se observa pela analogia das idéas que exprimem, e na tendencia daquella a seguir determinadas fórmas privativas a estas, apontamos certos factos, que distinguem perfeitamente as linguas neo-latinas da lingua mãi.

O latim, essencialmente synthetico, segundo Egger, é tambem por condições constitutivas, essencialmente transpositivo; d'onde resulta que regras grammaticaes relativas á posição não offerecem rigor, e a disposição das palavras, segundo as leis da harmonia e progressão das idéas constituia periodos admiravelmente expressivos e musicaes. Esta propriedade da transposição não se estendeu do mesmo modo á todas as linguas neo-latinas; si o italiano é expressivo e musical; si o hespanhol é grandemente expressivo, o portuguez é, mais do que todos, transpositivo, ao passo que o francez, embora musical, não gosa da transposição.

Breve e concisa, não procurando a riqueza na composição indefinida, mas na derivação simples ou dupla, a lingua latina, peculiar ao caracter do povo romano, apresenta o sensivel defeito de prestar-se a ambiguidades e equivocos resultantes da falta de um determinativo, o artigo que caracterisa as neo-latinas. (1) Rica em terminações e desinencias significativas e sonoras, dotada de uma elegancia prima originaria do grego, a lingua latina possue uma magestade e energia incomparavelmente bella que a elevou e insinuou brandamente na linguagem desses innumeros povos submettidos ás armas romanas;

---

(1) O artigo em portuguez, é um adjectivo determinativo, derivado do latim; a differença do emprego e as funcções especiaes que exerce, são que o caracterisam.

elegante e graciosa, sob a influencia do grego, d'onde exhaurio grandes dotes poeticos e oratorios, é dotada de uma harmonia e rhythmo, que a distingue perfeitamente de todas as suas derivadas, e que não poderam ser conservadas por nenhuma dellas. Todas estas qualidades e outras, cuja enumeração omitto, influiram nas linguas neo-latinas, as quaes distinctas por caracteres importantes, conservaram em maior e menor escala o caracteristico — energia, expressão e sonoridade.

Entretanto a lingua portugueza co-proprietaria dessas qualidades, parece em certo ponto superior a latina. Desenvolvida por Sá de Miranda e Frei Luiz de Souza e fixada por Camões, que em seu grande poema procurou mostrar e effectivamente mostrou quanto era expressiva e nobre, adquirio a lingua portugueza o cunho que a distingue d'entre as outras, como apresentando maior numero de factos philologicos demonstrativos de sua origem verdadeiramente latina, cujas propriedades possue em tão elevado gráo, como passaremos a vêr.

(*Continúa.*)

A. S.

Dois pintores da Renascença

(GIOVANNI CIMABUE E GIOTTO BONDONI)

Pelas frequentes invasões dos barbaros, que de toda parte da Europa surgiam, desmembrou-se e dissolveu-se inteiramente todo o imperio do occidente.

Roma que apenas respirava, mas privada de todo movimento, era semelhante ao moribundo, cujo resto de existencia conta-se por segundos. Sem as instituições, que no tempo da republica davam-lhe toda a força de authoridade, que a fizeram dominar o mundo; no seio de uma sociedade constituida de elementos heterogeneos; sem moralidade no resto das suas legiões, em cujas fileiras contavam-se tantos romanos como tantos barbaros, exhalou, n'um ultimo arquejar, o seu derradeiro suspiro. Aquella

Roma, tão grande que chegou a dirigir os destinos do universo, quando contava de existencia somente seis seculos e meio, acabou de desapparecer completamente, no sepulchro onde foi lançado o cadaver do imperio occidental.

Com esse cataclysmo tremendo desappareceram as lettras, as artes, as sciencias, e o mundo permaneceu por muito tempo esbatendo-se de encontro aos rigores do despotismo, como um barco sem governo, cuja tripolação dorme ao peso da embriaguez, fluctua no oceano, até despedaçar-se nos flancos lodosos dos rochedos. Dir-se-hia que profunda treva encobria por muito tempo toda a luz da civilisação!

Esta epoca de esterilidade, de invasões, na qual comprehendem-se os primeiros seculos do christianismo, constitue a epoca chamada — do Barbarismo.

Com a vinda dos gregos, entre os seculos IX e X, de Constantinopla para Veneza, esta cidade proferiu a primeira palavra da Renascença, apresentando differentes *mosaicos* que foi, como diz um historiador da pintura italiana, o precursor da arte sublime de Miguel Angelo e Raphael Sanzio.

A Grecia, então anniquilada, ainda inspirava; ainda servia de modelo para as gerações que iam inaugurar uma nova phase social, tantos seculos distanceadas dos dias de sua florescencia. Ergueu-se tão alto aquella pequena região, berço do sublime cantor de Troya e do inspirado creador do Prometheu, que os mestres de hontem nos dizem ainda: « La jeunesse doit nous apprendre a lire les Grecs, puisqu'il est si rare que la vieillesse soit apte à les comprendre et à s'approprier la fleur de leur beauté. » (1)

Alguns artistas, pois, á imitação dos gregos, executaram *Madonas*, a pedido dos fieis christãos, afim de testemunharem a fé ardente que lhes inspirava uma religião, incontestavelmente, mais digna da humanidade do que o polytheismo dos gregos e dos romanos. Essas primeiras tentativas da arte que mais tarde devia immortalisar tantos genios, não passavam de borrões, mas já mostravam o cunho do novo espirito.

Começava a raiar no horisonte da Italia o fecundante e luminoso sol da liberdade, ha tanto tempo occulto pelas

(1) Herder, *Philosophia da Historia da Humanidade*, L. VIII, c. II, v. II.

trevas do despotismo. E' que a Italia devia ser para os tempos modernos, o que a Grecia foi para a antiguidade. Homero tirou, dos variados dialectos dos differentes estados gregos, a mais poetica e suave das linguas — a Grega. O Dante, da mesma forma, legou á Italia a melodiosa lingua Italiana.

Com Homero nasceram os differentes generos de artes que immortalisaram o seculo de Pericles, porque os seus poemas foram a fonte fecunda, onde os artistas, que seis centos annos depois appareceram, foram buscar os seus personagens. Com o Dante, Cimabue e Giotto reviveram todas essas maravilhas do espirito humano, que haviam desapparecido nas ruinas do velho edificio desmoronado.

No ultimo quarto do seculo XI os pizanos orgulhosos com a actividade do seu commercio, com os seus innumeros navios, quizeram perpetuar a sua grandesa com esplendidas construcções, para o que mandaram buscar á Grecia architectos, pintores, etc.

Estes artistas, posto que imperfeitos, deram, comtudo, aos italianos os primeiros impulsos que os levaram á maior grandeza nas bellas-artes.

A conquista de Constantinopla, por Balduino, motivou a emigração de muitos artistas para a Italia, que começaram a ensinar o colorido e o desenho até então completamente desconhecidos, proporcionando, por conseguinte, um melhoramento extraordinario na pintura nascente.

Eis, resumidamente, o verdadeiro estado da arte na Italia quando começou a epoca propriamente — da Renascença.

—

Florença, que legou a humanidade o Dante, o maior poeta de todos os tempos, depois de Homero, foi tambem o berço de Giovanni Cimabue e Giotto Bondoni.

Cimabue, descendente de uma familia illustre e opulenta, foi mandado para um convento, afim de educar-se segundo as exigencias da sociedade de seu tempo, quando foram incumbidos da decoração desse convento, pelos seus sacerdotes, diversos pintores byzantinos. Enthusiasmado e attrahido pelas bellezas inauditas da pintura, abandonou os estudos a que o destinavam, pelo pincel de que, melhor do que os seus antecessores, soube servir-se.

A sua primeira obra, segundo consta, foi uma Sancta Cecilia. Muitos quadros mais foram por elle desenhados,

para os pisanos, de quem conseguiu os mais enthusiasticos e ardentes applausos.

O christianismo, que então havia substituido, na maior parte do mundo, as velhas crenças pagãs, foi a fonte da arte que nascia na Italia; por isso quasi todas as producções dos pintores da Renascença e mesmo da epoca da Perfeição, epoca especialmente assignalada pelos tres grandes genios, Miguel Angelo, Raphael e Leonardo da Vinci, eram de assumptos religiosos, em homenagém ao dogma que de dia para dia adqueria novas forças; e muitas obras foram executadas, já por inspiração dos proprios autores, já por encommenda dos fieis christãos.

Foi em 1260, mais ou menos, que Cimabue executou o quadro da *Madona e seu filho*, obra prodigiosa naquelle tempo. Os florentinos como que arrebatados ao contemplarem uma obra como até então pintor nenhum havia produzido, votaram um culto espontaneo ao seu compatriota; e Cimabue, rico, feliz, adorado, coberto de glorias, deixou de existir no principio do seculo XIV. Taes são os traços, os mais geraes, do homem que foi o iniciador de uma epoca na arte, e que deu á Florença mais um artista.

— ·

Uma scena verdadeiramente pastoril, como aquellas dos tempos premitivos, de que fallam os poetas biblicos, deu a Italia mais uma estrella para ornamento do seu formoso céo e ao Dante o seu maior amigo.

Cimabue passeiava um dia a cavallo, por um valle nas immediações de Napoles, enlevado nas bellezas de vastas e serenas campinas, quando avistára uma criança, que permaneceu tão preocupada, a ponto de não sentir a sua approximação, no lugar em que se achava. Neste extase sublime o viajor do valle foi encontrar Giotto desenhando, com uma pedra em ardosia, uma ovelha que se via pastando ao longe. Comprehendendo desde logo a propensão do pequeno pastor, vendo já aquella manifestação espontanea de uma intelligencia poderosa, mas que era ainda semelhante ao brilhante não lapidado, Cimabue, depois de haver consultado seu velho e pobre pae, tomou-o por discipulo e serviu-lhe de segundo pae.

Sendo necessario esclarecer-lhe o espirito e dar-lhe a illustração indispensavel a todo artista, confiou-o a Brunetto Latine, onde o jovem Giotto foi encontrar o Dante e

com quem travára as relações que tanto lhe aproveitaram, pois que bastariam ellas para lhe darem a immortalidade, quando não restasse o menor vestigio de suas producções. O Dante tel-o-ia immortalisado no seu divino poema. (1)

Cimabue não se havia illudido em sua previsão. Em breve observando o rapido progresso de seu discipulo, sentia-se orgulhoso. Os primeiros rebentos da semente que elle havia plantado traziam um viço admiravel! Logo depois Giotto foi o primeiro entre os pintores do seu tempo.

Rompendo o laço que o prendia aos artistas antigos abalou a arte; deu vida e movimento aos seus quadros, fel-os sentir; modelou-os de harmonia com a natureza e deu-lhes formas reaes e humanas. Para que se desse essa alteração que imprimia um novo cunho na arte, muito influiu o espirito de Dante, a quem elle obedecia.

Os artistas bysantinos deante de tanta audacia, deslumbrados com a perfeição das obras de Giotto, recuaram e desappareceram com os seus velhos modelos imperfeitos, sem os mais leves signaes de vida e movimento.

Os reis e os principes italianos viam em Giotto um idolo que merecia a sua adoração, e todos, ao mesmo tempo, queriam tel-o em sua companhia. Os seus quadros, que não cabe nos estreitos limites desta modesta revista enumerar, perderam-se quasi todos nas chammas dos incendios e no poder dos seus possuidores descuidosos.

Giotto morreu em 1336 logo depois do Dante.

Hoje, que ninguem se espanta com as mais engenhosas descobertas que a cada dia enriquecem os grandes thesouros já accumulados das artes e das sciencias; que os aristocratas francezes assistiriam de suas casas, se quizessem, aos harmoniosos concertos que se dão nos doirados salões dos magnificos palacios da rainha de Inglaterra, pergunta-se com enfado: « onde é que está a admiração que essas primeiras tentativas mereciam dos contemporaneos dos seus autores? » Então, nós que consideramos o passado como mestre do presente; que aceitamos para a elaboração de um novo edificio social, o contingente de todas as escolas, de todas as philosophias, responderemos com a elegante phrase de um dos nossos illustrados mestres, em uma carta de animação que nos dirigiu: « Bemditos os que concorrem com o seu exemplo para todas as manifestações do pensamento. »

(1) Dante, Purg. Cant. XI.

Sem Homero talvez não se tivesse Virgilio. Sem Eschylo não se teria Sophocles e Euripides.

Da alchimia nasceu a sciencia que Lavoisier, esse grande martyr da revolução franceza do seculo passado, tanto aperfeiçoou.

Emfim, sem essas desformidades artisticas do Barbarismo não teriamos os grandes monumentos que todas as escolas nos têm legado, e Rubens seria somente diplomata.

Concorrer com o nosso trabalho para o engrandecimento da humanidade eis o fim para que vivemos.

E' por isso, que, do fundo da nossa obscuridade, consagramos á memoria destes dois artistas, que ha mais de quinhentos annos desappareceram da scena do mundo, esta pallida lembrança.

Rio, Fevereiro de 1878.

DANTAS BARRETTO.

O realismo na arte

I

Não pretendemos com este modesto artigo, atirar uma luva aos adeptos á escola realista, e convidal-os a um repto, aonde elles venhão com a simples precisão de seus principios, provar a incapacidade de regras e preceitos de uma etiquêta incompativel com o espirito do seculo, que no seu dizer egoistico e pretencioso, é todo scientifico, porém de uma sciencia positiva, pratica e portanto utilitaria; que fiquem lá com a sua opinião geometrica, porque eu ainda acredito nas altas especulações do espirito humano, e creio que a sciencia como a arte, devem ser infinitas, para que cada uma d'ellas se aproxime cada vez mais do seu ideal — a verdade e o justo, o bello e o bem.

E' nosso fim no pequeno espaço de que dispomos n'esta revista e contando apenas com os exiguos recursos que nos fornece a nossa mediocridade intellectual e modesta illustração litteraria, deixar patente uma opinião sobre materia agóra tão debatida e até mesmo muito exaltada, por aquelles que entendem dos segredos do estylo e dos recursos da logica.

O desespero em que ardia um talento grande, porém infecundo, baseado em uma erudição como bem poucas se tem visto, as tendencias de uma natureza eminentemente mathematica e portanto analytica, consubstanciados no espirito de actividade estupenda de Augusto Comte, deram como resultante esta grande methodisação dos conhecimentos humanos que elle chamou Philosophia Positiva, muito commoda para o estudo das sciencias puramente mathematicas, porém perigosa, improficua e infecunda no das outras, especialmente, no das sciencias sociaes; esta *philosophia*, que apresentam como a mais consentanea ao espirito do seculo, fez a sua invasão na sciencia, e trocando o methodo dogmatico pelo historico, proclamou o imperio dos sentidos; banio completamente o concurso da imaginação como prejudicial em materia scientifica, e acreditando sómente na precisão dos instrumentos, condemnou as indagações especulativas do espirito, e tem tido a pretenção louca de querer apagar a methaphysica, como se ella não fôsse tão inherente ao espirito humano, como são á materia, todas as suas propriedades essenciaes; por isso mesmo que o materialismo, que não é mais do que uma consequencia fatal das exagerações do methodo positivista, deixa bem patente esta tendencia natural que tem o espirito de remontar-se ás causas primas, seja qual fôr o lugar em que tiver de procural-as; mas, e isto é o peior, a invasão de um tal methodo na sciencia, torna-a estacionaria, porque tira-lhe a liberdade, e d'ahi o atheismo como base de uma sciencia ingrata, falsa e perigosa.

Vejamos agora a que ponto chegaria a arte, depois que a tal *philosophia* lhe viesse riscar tudo o que ella tem de *superfluo* e *imprestavel* reduzindo-a á invariavel regularidade de uma forma geometrica; mas a arte, no seu orgulho de fidalga corou, e os plebeus que tentaram manchar-lhe o pudor, ficaram fatalmente desenganados de que a sua nobresa tradiccional, ao inverso das antigas genealogias, cada vez mais se apura, e que ella tem sempre um olhar de desdem e de supremo despreso, para aquelles que não têm a urbanidade necessaria para respeitar-lhe os brios e adorar-lhe os enlevos.

II

A introducção dos methodos scientificos no estudo das obras de arte, especialmente na critica litteraria, tem tido

como consequencia tristissima uma esthetica toda mathematica, cujo espirito predominante é o *benefico* principio da utilidade; ahi a arte, em vez de um fim que era, passa a ser um meio; ao gosto, á intuição, á inspiração, á phantasia e á imaginação, substituiram o saber, e precisam dos instrumentos mathematicos, a semelhança exacta com os modelos naturaes e finalmente, os arranjamentos engenhosos, taboa de salvação das naturezas adversas ao bello, e por consequencia, artisticamente infecundas.

Uma esthetica fundada em um tal principio, não póde, de fórma alguma, apurar o gosto, despertar esta intuição do bello que é uma faculdade inherente á nossa natureza moral e intellectual, e pelo contrario, este espirito egoistico que quer o *bello visivel, objectivo, palpavel* e *util*, d'aquelles que só crêem nas manifestações do pensamento quando ellas vêm ou nuas, ou envolvidas em grossa estamenha, que desdenham as roupagens leves e diaphanas onde transparece o invisivel, é, na opinião do grande critico e philosopho Sr. Jouffroy, incompativel com o bello; e todos aquelles que como Gœthe, querem a arte pela arte, não podem deixar de proclamar a procedencia desta sentença, que é como que a cristalisação de todos os beneficos principios de que ella se compõe.

Um facto: — imagine-se que estamos na contemplação desinteressada de uma das obras primas de Praxiteles, da Venus de Cnida, por exemplo: — que estamos nos enlevando nos contornos voluptuosos d'aquella mulher nua, — que tocamos quasi no ideal que se destaca de sua simplicidade profunda; esta estatua está no seu pedestal que é um sanctuario; — alli ninguem toca, porque todos temem profanal-a; após a contemplação vem uma veneração espontanea, e a natureza verdadeiramente artistica, permanece como que n'um extasis sublime, que não é mais do que a consequencia de um facto psychologico, que motiva no nosso espirito a presença do bello invisivel; agora, pegue-se nesta mesma estatua, colloque-se-a em um salão esplendoroso, faça-se d'ella em vez de uma entidade adoravel, em vez do involucro onde achava uma idealisação e uma vida, uma coisa util, um candelabro por exemplo — principia logo o esmorecimento da voluptuosidade e da veneração que antes nos provocava; a vida, que advinhavamos n'aquella immobilidade cega, foge para dar o lugar

que, por uma especie de impenetrabilidade abstracta, pertence a frieza real do marmore; e a variedade, que ora se via n'aquella unidade harmonica, transforma-se agora em uma monotonia insuportavel e ingrata.

Está ahi a triste consequencia do principio da utilidade na arte, ao menos da utilidade objectiva, immediata e directa; ora, a arte que é eminentemente expansiva, creadora e phantasiosa, procura imprimir em suas creações, o cunho indelevel de sua multipla idealisação; — a sciencia, pelo contrario, sêcca, exacta e sobre tudo prolixa — simplifica, corta, limita e conseguintemente perturba-lhe a marcha, e muitas vezes desnorteia-a de seu sagrado mister; — d'ahi, essa incompatibilidade absoluta, como consequencia da natureza intrinseca de cada uma d'ellas; a sciencia, classificando, resumindo e esclarecendo, concretisa e estuda; a arte amplificando, aperfeiçoando, sentindo e penetrando, idealisa e cria; d'aqui, desta diversidade profunda de fim e de meios, a influencia deleteria da sciencia na arte, e o consequente apparecimento desta nova maneira de manifestação do pensamento, do realismo ou imitação systematica da natureza physica e moral.

Não pregamos a ignorancia absoluta e nem mesmo relativa do artista e do poeta, e pelo contrario queremol-os illustrados e eruditos, porém que a sua sciencia, em vez de perturbar os vôos de seu genio, seja antes o instrumento com que a sua imaginação cave as profundezas da creação e do espirito, e de lá arranque, purifique e nos apresente bem distillados os differentes productos que devem merecer a nossa admiração.

Até ahi, pára o officio da sciencia na arte, do contrario, o artista, encerrado nos acanhados limites da realidade, sem poder fecundar a sua obra pelo pensamento, será reduzido a um imitador mais ou menos habilidoso, e a arte de livre e infinita que é, ficará circumscrita e convencional, e em vez de apresentar em suas creações, a reflexão cuja incidencia é o meio moral, physico e historico de seu tempo, em vez de ser uma evolução continua, será sempre a reproducção monotona de imitações cuja originalidade nunca está bem definida e accentuada.

III

Ainda como consequencia do consorcio impossivel da sciencia e da arte, cahimos na escola da imitação syste-

matica da natureza, escola da negação completa do ideal que é a alma da arte, cujo fim é realisar o que é concebido pelo espirito, isto é, realisar esta perfeição cujo germem éra uma idéa, ou fazer como certas formas geometricas, que se approximam infinitamente de seu limite sem todavia attingil-o. E' por isso que a arte, tomada debaixo desta vasta accepção, nunca póde chegar ou approximar-se ao seu fim, sempre que ella fôr realista, tomando esta palavra como traduzindo a idéa de precisão, sobriedáde e semelhança com os modelos naturaes, como lhe dão os que seguem a nova escola.

Não pretendemos negar que o estudo e imitação do real é a base indispensavel em que deve assentar, todas as creações da arte ; o nosso fim é banir d'ella o materialismo, cuja influencia reputamos por de mais deleteria, como attestam os factos lamentaveis praticados pela desastrosa communa de Paris.

Esta nova *doutrina* da arte só poderia ter sido engendrada por naturezas activas, porém infecundas, proprias apenas á reproducção da realidade como um espelho, porque pode ser necessario muito talento para pintar as coisas taes quaes como ellas são, porém para produzir, é preciso além de muito talento, imaginação, sobre tudo uma cousa que não se obtêm porque ella é innata e que é o que imprime na obra de cada autor o cunho de sua individualidade de artista.

Banir o ideal da arte, é negar a propria arte, e como a arte não se pode negar, porque ella é uma revelação, o ideal ha de estar sempre onde quer que se encontre uma d'essas grandes manifestações do genio, e até mesmo aquelles que se julgam os mais realistas, isto é, os que mais se adstringem e se aferram á photographar a natureza, tambem tem o seu ideal, havendo entretanto uma grande differença ; — para uns, para os idealistas, os romanticos, os sonhadores, como quizerem chamar, o ideal está no bello, na grandeza, na força, na aspiração sempre nobre para tudo o que pode elevar a alma ao sublime, e na aversão para o que pode abaixal-a, offender á moral, aborrecer o espirito e descontentar o coração ; para os outros porém, o ideal está no feio, no hediondo, no immoral, n'aquillo que offende o pudor, no grotesco debaixo de suas formas multiplas, na exploração indecente das supremas vergonhas e miserias

humanas, nas baixesas, nos crimes torpes e monstruosos, nas paixões vis das naturezas phenomenaes, e em outras muitas cousas extravagantes, d'onde se conclue que uma arte assim, que não póde enobrecer os corações, e educar os espiritos para as grandes acções, não é mais do que o supremo descontentamento da alma, quando devia ser o enlêvo de todos, desde as naturezas mais frageis e sensiveis, até os temperamentos mais refractarios á sensibilidade.

Assim, á grande arte em que tanto se revelou o genio gigantesco de Miguel Angelo, ficaria reduzida ao trabalho ligeiro e exacto, porém sem vida, de uma machina photographica, desapparecendo deste modo as grandes creações da pintura, onde a concepção do espirito do artista é a parte principal, e aquella onde se encontra sempre toda a grandeza de seu genio e elevação de sua alma; se a pintura fôra realista, não teriamos o juizo final, e o genio moderno de Chenavard, não nos prometteria á decoração do Pantheon, os admiraveis frescos, onde por um milagre de concepção gigantesca, se acham estampados da maneira a mais profunda e philosophica, os periodos diversos da grande legenda da humanidade.

A arte, ha de ser sempre metaphysica — é da natureza humana; — é uma lei fatal, e o nosso fim neste artigo, é mostrar o predominio deste espirito, não só n'ella, como na sciencia, onde elle disfarça-se ás vezes com a capa pesada do materialismo; na arte, o realismo não é mais do que uma idealidade extravagante e bizarra.

Quanto á poesia — esta é um anjo louro, de azas brancas, transparente, diaphano e de roupagens azues; ás vezes, elle vôa, sóbe, vai para o céo, — então as suas azas ficam mais candidas, suas roupagens tornam-se niveas, e a sua transparencia e diaphaneidade se apuram de tal maneira que a medida que elle sobe, vai se tornando cada vez mais lucido e incohercivel, até que afinal ella se some, torna-se invisivel, porque identifica-se com a divindade; outras vezes, como que não tendo força nas azas, nem mesmo para pairar no espaço, elle desce até as profundezas dos abysmos, e como a Eloá, a filha da lagrima de Christo, deixa-se tentar pelo anjo máo, perde o pudor, e quando quer subir de novo, não póde mais porque as suas azas que eram impollutas, estão agora profanados pelo contacto das impu-

resas de baixo — comtudo sempre se descobre que ella é um anjo decahido.

Quando o anjo sobe, a poesia é nobre — é idealista, é romantica como quizerem chamar.

Quando, porém, o anjo desce, a poesia é chata, sêcca e até indecente — é realista.

PEDRO IVO.

Victor Hugo e Castellar

I

Dois genios colossaes, na fronte excelsa,
Auréola trazem de fulgente brilho:
Atalaias que espreitam, na estacada,
Do sec'lo a marcha; e se elle a senda deixa
Do progresso, da luz, da liberdade,
Eil-os que surgem no lutar titaneo,
O arrastam do desvio, o abysmo mostram-lhe,
A vereda aclarando entre os cachópos!
Oh! e a França, a nação das epopéas,
O povo que memora tantas glorias
De um passado de luta e de fulgores!
A virgem que rasgando o niveo seio
Nos alfanges reaes, banhada em sangue,
Bradara altiva—Liberdade aos povos—!
E a França, de Voltaire, a mãi sublime,
Voltaire—o pensamento, o vasto genio
Que as lettras, as sciencias, o povo e tudo
Erguera do profundo, immenso pélago!
No seio recebera o fructo excelso,
A estrella cuja luz primeiro, ao longe...
As trévas devassando aclara o porto.
E a Hespanha, a bella Hespanha desditosa!
Pobre Ashavérus que procura, em balde,
A liberdade que lhe foge sempre!
Em partilha tivera eximia dadiva:
Assim devera ser, dois povos grandes,
Vergonteas de um só tronco, irmãos em tudo,
Merecem contemplar, em doce amplexo,
Tam bellos fructos dos fecundos seios!
Estes genios tam grandes como o seculo,
Que as trévas devassando o mundo guiam,

Que á luz dos verbos avassallam póvos
E os thronos despedaçam n'um momento ;
Os astros que, entre as brumas, alem mostram,
Replecto d'explendor, o vasto templo
Que procura a descrida humanidade,
Onde possa da luz e do progresso
Effluvios aspirar, beber a vida
Que sente lhe faltar aos lassos membros,
O mundo os chama—Victor Hugo, o craneo,
E Castellar, o verbo, os dois colossos
Que nos destroços de corruptos sceptros,
Da liberdade o pedestal assentam !

II

Por entre as franjas do horisonte immenso,
Replecta nuvem, que surgira negra,
Segue do sol o luminoso trilho ;
Ella augmenta, cresce, accelera a marcha,
O alcança ao meio na veloz carreira,
E sobre as faces lhe estendendo o manto,
Cobre de trévas a cerulea cup'la :
Rompe-se a nuvem, a tormenta cahe,
Da luz aos raios deslambrada, a França
Sublime anceia em divinal transporte:
E' do povo o gigante pulso, enorme,
Que despedaça carcomido throno ;
E' Lamartine, o portentoso vulto,
Que arrasta a populaça e nas ruïnas
Desfralda altivo a tricolor bandeira !
De novo em trévas envolveo-se o céo,
Funéreo manto se distende ao longe :
E' Bonaparte que surgira lugubre,
E traz a infamia no corrupto peito,
Nos regélidos labios a perfidia,
Nas fratricidas, descarnadas mãos,
O punhal que da patria o peito rasga
E a hórrida mortalha, que mais tarde,
Cobril-a deve, de Sedan, no tumulo !
« Detem-te, despota, na furia insana ! »
Herculeo vulto lhe bradára ao longe,
« Detem-te, ! eu surjo na gigante lucta,
« E o povo segue, no luctar titaneo,
« O athleta enorme que biparte o gladio

« No frio peito de cruel verdugo ! »
Treme o tyranno, empallidece ao brado,
E grita a côrte que lhe beija as plantas :
Para Jérsey, senhor, exilio ao genio ! »
Oh ! foste louco, que apagar não podes
Um astro que no gyro, sobre a terra,
Catadupas de luz derrama prodigo !
Cada ponto da curva que descreve,
Um raio manda p'ra offuscar-te os olhos !
Desgraçada irrisão gelou-te os labios !
Da triste Jérsey, nos penedos calvos,
Cuspira-te nas faces descoradas
Pelo livido beijo da perfidia,
—*Os Miseraveis*—Colossal vingança ! !
Auréola que do genio a fronte cinge,
Deifica, immortalisa o nome égrégio !
Foi grande teu delirio, Bonaparte,
E grande a insania que cegou-te os olhos !
Icaro que no vôo beija a terra,
Tentaste, louco ! disputar o lance,
A' aguia altiva que não mede o espaço,
E cahiste de rôjo sobre o lôdo,
D'onde surgiste por fatal acaso !

III

Um povo nas angustias debatia-se,
Opprimido, curvado ao jugo ferreo
Que a seiva lhe sorvia, o sangue, a vida,
E a voz do verbo que electrisa a plebe,
A' queda arrasta o corrompido throno.
Das bellas plagas da formosa *Cid*,
Excelso palco dos pelagios feitos,
Foge o medonho, espavorido espectro,
Transpõe dos *Alpes* as nevadas grimpas,
E as negras azas na espelunca bate,
Da prostituta Roma—asylo digno !
« O progresso é uma lei... dissera o genio,
« Immutavel principio, irrevogavel,
« Que eterno rege das nações a marcha :
« E és do progresso, meretriz c'roada,
« Negro espantalho, desgraçada antithese !

1876. RODOLPHO PAIXÃO.

Soneto

Oh ! Chiquinha ! não sei s'isto é mania
Ou mesmo se é loucura ou é demencia :
Tenho tamanha sêde de sciencia
Que até vou estudar astronomia.

Receio se perder a paciencia
Que a sêde vá crescendo dia á dia !
Se assim acontecer, a hypocondria
Fará de mim um ente sem consciencia.

Sem deixar os meus doces ideiaes
Vou lançar-me dos livros nos escolhos
Estudando as sciencias naturaes.

Sim ! Preciso luctar n'esses abrolhos
Para ver se os teus labios são coraes
E estudar as estrellas dos teus olhos !

FAVILLA NUNES.

Chronica

A redacção desta revista agradece ás Redacções dos diversos periodicos da Côrte e do interior, o benevolo acolhimento que deram ao seu primeiro numero. Os jornaes que nos honraram com seu acolhimento foram : *Diario do Rio*, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *Cruzeiro*, *Reforma*, *Republica* e *Diario do Norte*. D'entre elles lamentamos o desapparecimento de um — o *Diario do Rio*. A morte, procurando arrebatar, n'estes ultimos tempos, os vultos proeminentes que apparecem, arrebatou-o tambem. E' que elle era um vulto. Realmente : Era o mais antigo dos jornaes da Côrte, teve sempre para collaboradores homens notaveis : uns pelo talento, outros pela illustração, outros por ambas as cousas.

Mas, a morte é a immobilidade absoluta, ella não tem vontade. A morte é um facto, como tal tem uma causa proxima ou remota, mediata ou immediata. Quando são homens as suas presas, as causas são diversas : Aqui é o trabalho intellectual em desproporção com as forças physicas, alli é um temperamento nervoso oppondo-se a um trabalho prolongado, além uma outra causa e mais outra e uma infinidade d'ellas a que o medico dá os nomes. Quando essa

presa é um jornal a causa é uma só. Como se chama? Ociosidade, ignorancia, superficialidade, ou antes, uma só formula comprehendendo tudo, indifferentismo.

* * *

Tambem a epoca é só de mortes; os factos mais importantes da ultima quinzena do mez findo e da primeira deste, estão registradas nos livros de obitos. Victor Emmanuel partiu-se: suas virtudes foram proclamadas pela imprensa sensata de todo o mundo civilisado, ella, a imprensa, rendeu á memoria do grande rei a devida homenagem.

* * *

Com quem a imprensa não se cansou muito, não quizeramos a do mundo civilisado, fôra exigir demasiado, mas unicamente a da Côrte, foi com o Dr. Antonio Carlos de Oliveira Guimarães. Esse morreu, sua morte passou quasi desapercebida. Seria por ser elle brasileiro? Outros brasileiros têm tido a homenagem d'esta mesma imprensa. Não teria merito? Talvez, se, dos que promovem a instrucção, só o têm os escriptores. Não entendemos assim: A manifestação do pensamento pela escripta, e esta manifestação pela palavra têm ambas a mesma importancia. Aquella corre mais mundo, se reflecte em maior numero de espiritos, esta vai mais direita ao coração e diz mais á intelligencia dos que lêm e não comprehendem e dos que lêm e não pensam. Para os que não lêm é a unica capaz de instruir.

* * *

O Dr. A. C. d'Oliveira Guimarães, instruia pela palavra, foi professor. A missão d'estes homens é dupla. Dão a educação moral e a educação scientifica. Educam moralmente: têm o dever de pai, têm o dever de mestre, são correllatos, a existencia de um reclama a existencia de outro. Educam scientificamente: têm o dever de humanidade. São apostolos da sciencia. E' pois, como educador e muito distincto que foi, o Dr. A. C. d'Oliveira Guimarães, que rendemos homenagem á sua memoria, que deixamos cahir uma lagrima á beira do seu ataúde.

* * *

Antes de terminar temos um dever: aos nossos collegas e todas as pessoas que nos têm animado acolhendo-nos com bondade, os nossos agradecimentos.

Rio de Janeiro.—Imperial Instituto Artistico

ASSIGNATURA

Anno.....	6$000
Semestre.....	3$000
Numero avulso.....	$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113